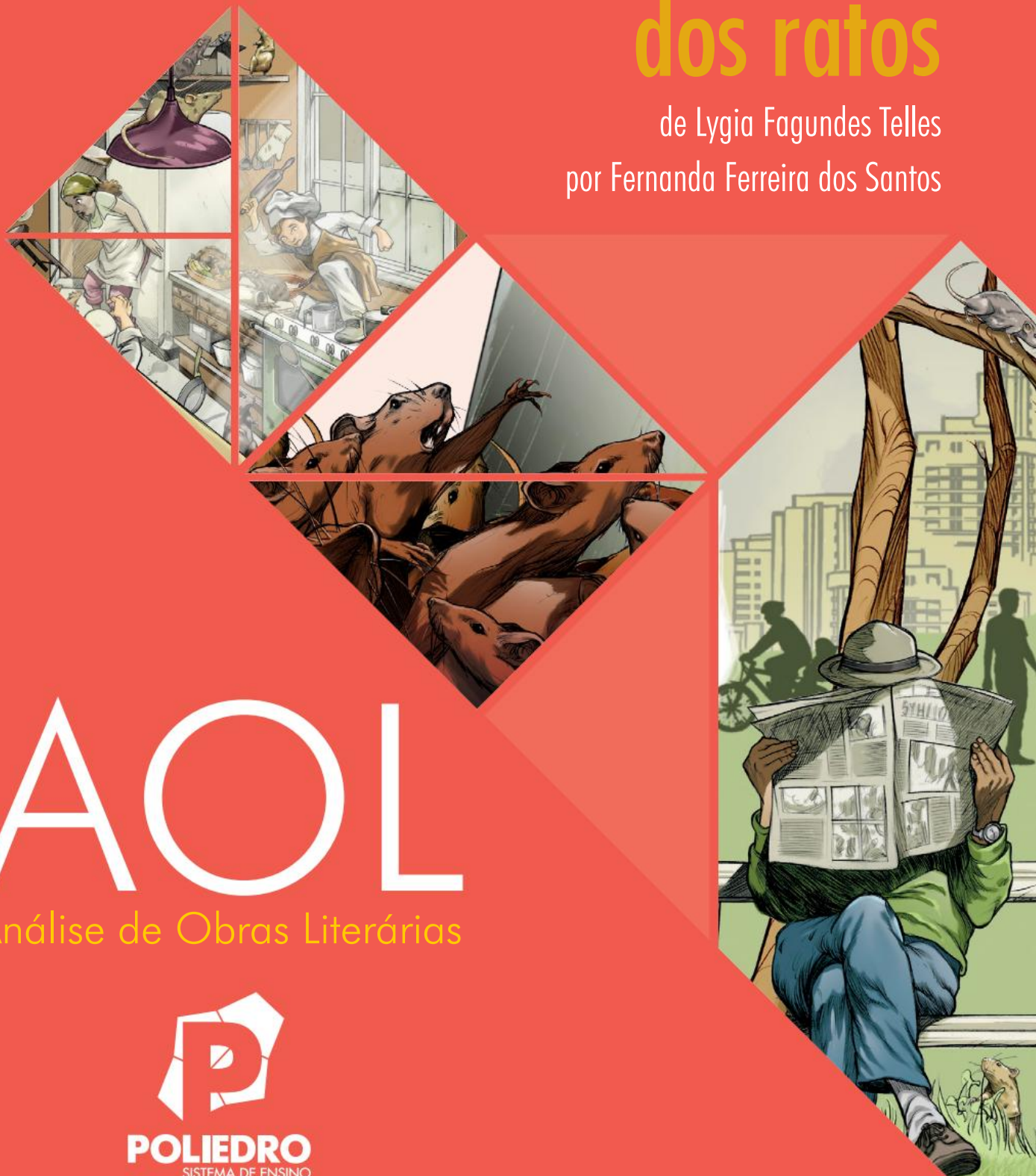


Seminário dos ratos

de Lygia Fagundes Telles
por Fernanda Ferreira dos Santos



AOL

Análise de Obras Literárias



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

EXPEDIENTE



Coleção AOL

Copyright © Editora Poliedro, 2020.
Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal,
Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Autoria: Fernanda Ferreira dos Santos

Direção-geral: Nicolau Arbex Sarkis

Direção editorial: Sandra Carla Ferreira de Castro

Gerência editorial: Wagner Nicaretta

Coordenação de projeto editorial: Brunna Mayra Vieira da Conceição

Edição de conteúdo: Julia da Rosa Silva

Analista editorial: Débora Cristina Guedes

Gerência de produção editorial: Andréa Cozzolino

Coordenação de edição de texto: Anaiza Castellani Selingardi

Edição de texto: Cláudio Leyria

Coordenação de revisão: Carla Vieira Cardoso Egídio

Revisão: Ana Paula Candelária, Thiago Marques P. da Silva e Vivian Prado de Souza

Coordenação de arte: Kleber S. Portela e Leonardo Pires

Diagramação: Guilherme Oliveira e Marcelo M. Aquilino

Ilustração: Robson Araújo

Projeto gráfico e capa: Kleber S. Portela

Coordenação de licenciamento e iconografia:

Leticia Polária de Castro Rocha

Analista de licenciamento: Jade Cristina Bernardino

Coordenação de planejamento editorial:

Rodolfo da Silva Alves

Planejamento editorial: Caroline Barbosa Lopes do Amaral e Maria Carolina das Neves Ramos

Coordenação de PCP: Anderson Flávio Correia

Analista de PCP: Vandré Luis Soares

Colaboração externa: Érica M. Bettioni

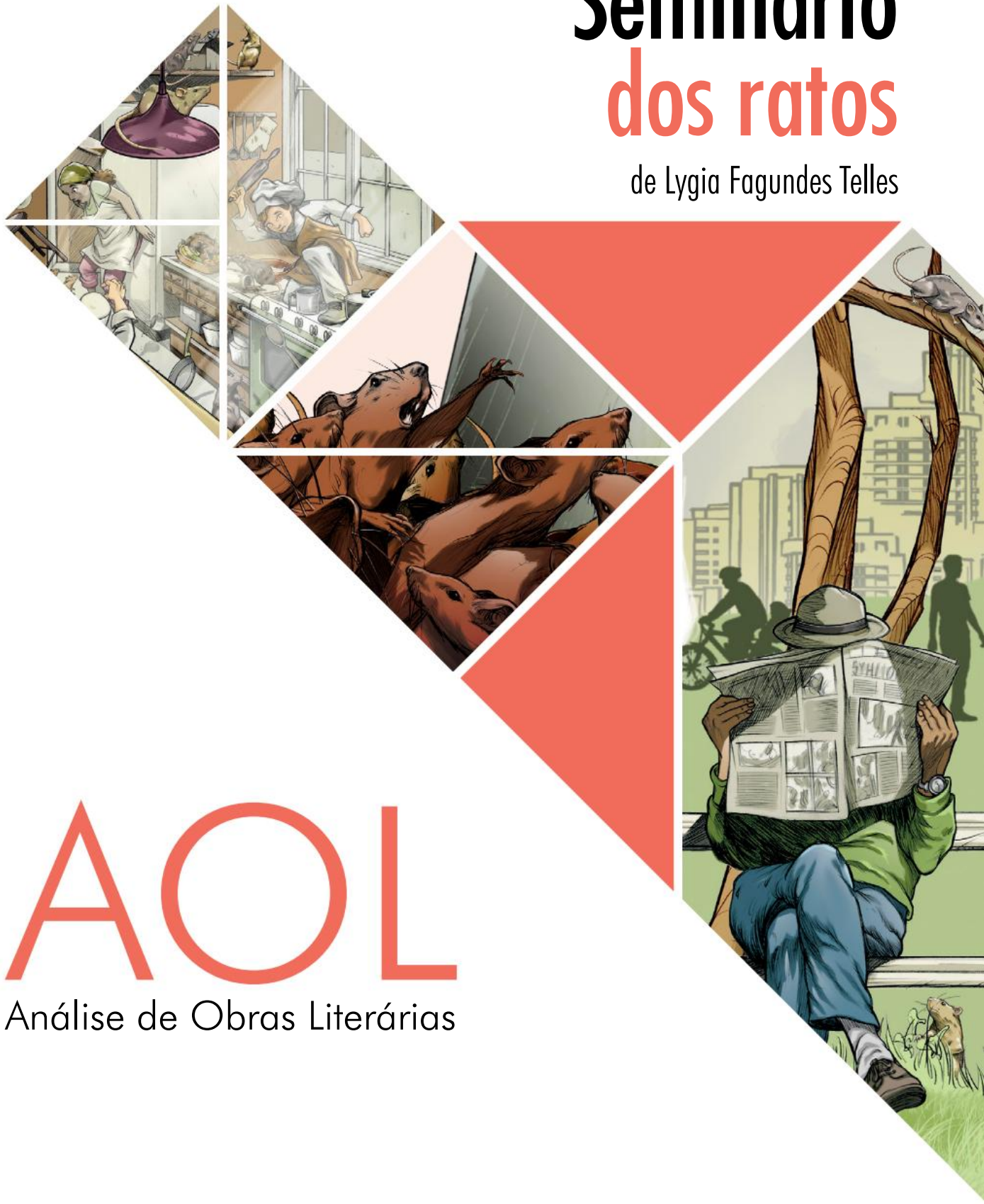
Hayashibara (edição de texto)

Impressão e acabamento: PifferPrint

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequentes correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.

Seminário dos ratos

de Lygia Fagundes Telles



AOL

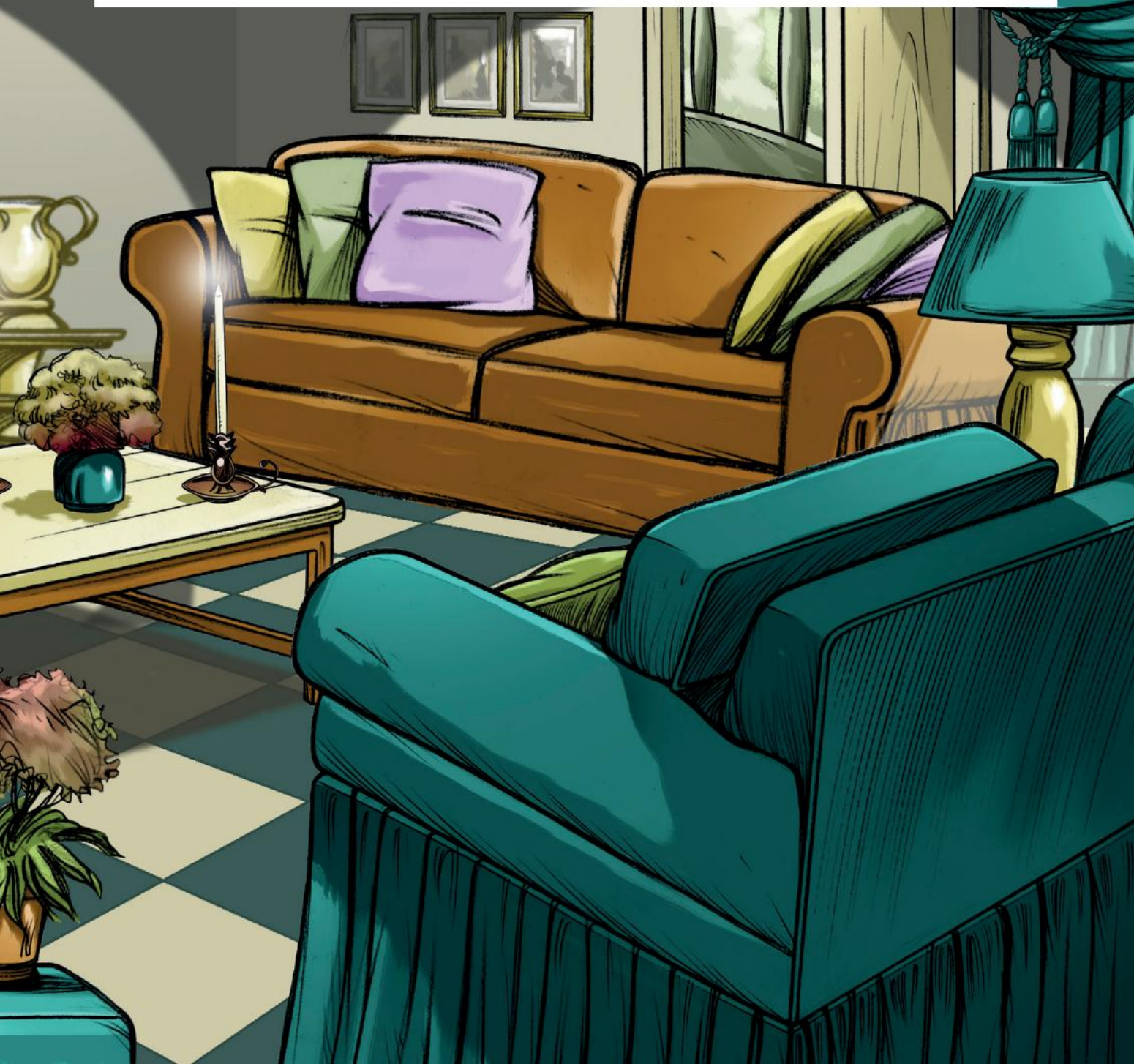
Análise de Obras Literárias

Seminário dos **ratos**

de Lygia Fagundes Telles



Lygia Fagundes Telles propõe um universo de reflexões em seus escritos, como a própria existência humana e sua relação com o mundo, abordando tramas e mazelas sociais e pessoais que nos cercam enquanto indivíduos. Em uma escrita concisa e fantástica, surreal, “Seminário dos ratos” explora as relações de poder, a resistência, a racionalidade e o seu oposto. Contempla aquilo que nos oferece humanidade e o que também nos destitui dela, em uma incursão fantasiosa e ao mesmo tempo realista nos problemas políticos contemporâneos ao conto, mas também atemporais, assim como nos conflitos universais do próprio ser humano diante desses problemas e de si mesmo.



INTRODUÇÃO ▼

“Seminário dos ratos” é um conto em terceira pessoa que se encontra no livro homônimo e que se constrói como uma alegoria das estruturas político-burocráticas do país. O livro foi publicado em 1977, e, ao longo dos 14 contos que o compõem, Lygia Fagundes Telles explora toda sua capacidade narrativa para tratar dos comportamentos humanos, isolada ou socialmente, utilizando, para isso, uma incursão no fantástico, conforme se observa no trecho a seguir.

[...] O jovem fez um gesto enérgico e precipitou-se ao seu encontro.

— Como é que o senhor entra aqui neste estado?

O homem limpou no peito as mãos sujas de suco de tomate.

— Aconteceu uma coisa horrível, doutor! Uma coisa horrível!

— Não grita, o senhor está gritando, calma — e o jovem tomou o Cozinheiro-Chefe pelo braço, arrastou-o a um canto.

— Controle-se. Mas o que foi? Sem gritar, não quero histerismo, vamos, calma, o que foi?

— As lagostas, as galinhas, as batatas, eles comeram tudo! Tudo! Não sobrou nem um grão de arroz na panela. Comeram tudo e o que não tiveram tempo de comer levaram embora!

— Mas quem comeu tudo? Quem?

— Os ratos, doutor, os ratos!

— Ratos?!... Que ratos?

O Cozinheiro-Chefe tirou o avental, embolou-o nas mãos.

— Vou-me embora, não fico aqui nem mais um minuto. Acho que a gente está no mundo deles. Pela alma da minha mãe, quase morri de susto quando entrou aquela nuvem pela porta, pela janela, pelo teto, só faltou me levar e mais a Euclídea! Até os panos de prato eles comeram. Só respeitaram a geladeira que estava fechada, mas a cozinha ficou limpa, limpa!

— Ainda estão lá?

— Não, assim como entrou saiu tudo guinchando feito doido. Eu já estava ouvindo fazia um tempinho aquele barulho, me representou um veio d'água correndo forte debaixo do chão, depois martelou, assobiou, a Euclídea que estava batendo maionese pensou que fosse um fantasma quando começou aquela tremedeira e na mesma hora entrou aquilo tudo pela janela, pela porta, não teve lugar que a gente olhasse que não desse com o monte deles guinchando! E cada ratão, viu? Deste tamanho! A Euclídea pulou em cima do fogão, eu pulei em cima da mesa, ainda quis arrancar uma galinha que um deles ia levando assim no meu nariz, taquei o vidro de suco de tomate com toda força e ele botou a galinha de lado, ficou de pé na pata traseira e me enfrentou feito um homem. Pela alma da minha mãe, doutor, me representou um homem vestido de rato!

O conto, nosso objeto de análise, trata de ratos que invadem e destroem uma casa que, havia pouco tempo, tinha sido restaurada e que se encontrava longe da cidade. O país fictício retratado estava infestado com uma proporção altíssima de roedores em relação ao número de humanos: cem por um. A fim de encontrar soluções para esse problema, ocorreria, na casa mencionada, um evento denominado VII Seminário dos Roedores, uma reunião de burocratas.

Os trechos da obra reproduzidos nesta análise foram extraídos do livro: TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos ratos: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



SOBRE A AUTORA ▼

Pequena biografia da autora

Lygia Fagundes Telles é uma escritora brasileira conhecida como “a dama da literatura brasileira” e “a maior escritora brasileira viva”. Romancista e contista, é a grande representante do movimento conhecido como Pós-modernismo, versando sobre assuntos universais, como morte, amor, medo, loucura, e recorrendo, inclusive, ao fantástico para abordar esses temas. É membro da Academia Paulista de Letras, da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa.

Lygia nasceu em São Paulo, no dia 19 de abril de 1923. Teve uma infância sem grandes dificuldades financeiras, durante a qual transitou por pequenas cidades

do interior do estado, como Sertãozinho, Areias, Assis, Apiaí e Descalvado, nas quais o pai, o advogado Durval de Azevedo Fagundes, foi promotor público e delegado. Já a mãe, Maria do Rosário de Azevedo, era pianista. Ainda adolescente, Lygia desenvolveu interesse por literatura e pela escuta de histórias orais, de forma que, em 1938, aos 15 anos, publicou seu primeiro livro de contos, *Porão e sobrado*, graças a seu pai, que pagou pela edição.

De volta à capital, em 1939, estudou no Instituto de Educação Caetano de Campos. Em seguida, em 1940, ingressou na Faculdade de Educação Física da Universidade de São Paulo. No ano seguinte, ingressou também na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na mesma universidade (curso no qual se formaria em 1946). Passou, assim, a frequentar as rodas literárias que se reuniam em espaços próximos à faculdade, nos quais conheceu figuras como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Paulo Emílio Sales Gomes.

Seu segundo livro de contos, *Praia viva*, saiu em 1944 pela Martins, de São Paulo. Em 1945, enfrentou a morte de seu pai e, ao se deparar com os acontecimentos políticos daquele momento, participou de uma passeata contra o Estado Novo.



**LYGIA
FAGUNDES
TELLES**

LYGIA
FAGUNDES
TELLES

LYGIA
FAGUNDES
TELLES

LYGIA
FAGUNDES
TELLES

LYGIA
FAGUNDES
TELLES

LYGIA

LYGIA

Em 1947, casou-se com o jurista Goffredo da Silva Telles Jr., seu professor na Faculdade de Direito, que, naquele momento, era deputado federal, e, em função disso, mudou-se para o Rio de Janeiro. Com Goffredo, teve seu único filho.

Em 1949, publicou seu terceiro livro de contos, *O cacto vermelho*, pela editora Mérito, e, com ele, Lygia conquistou posteriormente o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras.

O primeiro romance da autora, *Ciranda de pedra*, foi lançado em 1952, e Antonio Candido, um dos críticos literários mais renomados do país, declarou o livro como marco da “maturidade literária” da autora. Essa declaração levou Lygia a reconhecer sua produção literária a partir desse romance, passando a proibir, então, a reedição de todos os livros anteriores.

Lygia conquistou outro prêmio ao lançar *Histórias do desencontro*, em 1958: o Prêmio Artur Azevedo, do Instituto Nacional do Livro. Três anos depois, lançou *Histórias escolhidas*, com prefácio de Paulo Rónai, e começou a trabalhar no Instituto de Previdência do Estado de São Paulo (Ipesp), onde concedia pareceres em processos de pensões, pecúlios e aposentadorias.

Em 1960, separou-se de Goffredo da Silva Telles Jr. e, em 1963, uniu-se ao crítico e professor de cinema Paulo Emílio Sales Gomes. No ano seguinte, lançou o romance *Verão no aquário*, pelo qual recebeu o Prêmio Jabuti.

O livro de contos *O jardim selvagem* saiu em 1965, pela Martins Editora. Dois anos depois, com Paulo Emílio, Lygia escreveu o roteiro do longa-metragem *Capitu*, cuja inspiração veio do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. O filme foi dirigido por Paulo César Saraceni.

Em 1969, concorrendo com 360 originais de 21 países, conquistou o Grande Prêmio Internacional Feminino de Contos para Estrangeiros, na França, com “Antes do baile verde” e, no mesmo ano, recebeu a Medalha Imperatriz Leopoldina, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. No ano seguinte, foi lançado o livro de contos também nomeado *Antes do baile verde*.

Em 1972, Lygia recebeu outro prêmio, o Prêmio Guimarães Rosa, do Paraná, pelo conjunto de sua obra. O seu terceiro romance – *As meninas* – foi publicado em 1973, ano no qual a autora conquistou muitos prêmios, como o Jabuti, o Coelho Neto, o da Academia Brasileira de Letras e o APCA, da Associação Paulista de Críticos de Arte.

Em 1975, para escrever *Seminário dos ratos*, lançado em 1977, viajou com Paulo Emílio para Águas de São Pedro-SP, e a obra se tornou a vencedora do Prêmio Pen Clube do Brasil. No mesmo ano, Paulo Emílio morreu.

Em 1978, foram lançados *Filhos pródigos* – livro de contos – e duas adaptações homônimas de sua obra: o episódio de teleteatro *O jardim selvagem*, escrito e dirigido por Ziembinski e exibido pela Rede Globo, e o curta-metragem *O menino*, de Fernando Sampaio.

Em 1979, Lygia se tornou presidente da Cinemateca Brasileira, cargo que ocupou por quatro anos. No ano seguinte, pela editora Nova Fronteira, com um contrato de exclusividade, lançou *A disciplina do amor*, livro que mescla fragmentos de ficção e autobiografia e que venceu o Prêmio Jabuti e o APCA. Dois anos depois de se tornar presidente da Cinemateca Brasileira, publicou *Mistérios*, coletânea de contos fantásticos.

Em 1982, a autora foi escolhida para ocupar a cadeira 28 da Academia Paulista de Letras; já em 1985, passou a ocupar a cadeira 16 da Academia Brasileira de Letras, tomando posse em 1987, quando também ganhou a Medalha de Personalidade Literária do Ano. Em 1989, saiu seu quarto romance, *As horas nuas*, pelo qual recebeu o Prêmio Pedro Nava de Melhor Livro do Ano. Em 1993, foi exibido pela Rede Globo *Caso especial – Era uma vez Valdete*, uma adaptação feita pela própria Lygia do conto de sua autoria “Apenas um saxofone”.

LYGIA
LYGIA
FAGUNDES
TELLES
LYGIA
FAGUNDES
TELLES



O seu quarto Prêmio Jabuti, além do Prêmio da Biblioteca Nacional, foi conquistado com a obra publicada em 1995: *A noite escura e mais eu*. Em 1996, saiu o longa-metragem *As meninas*, baseado no livro homônimo.

Depois de 17 anos, encerrou o contrato de exclusividade com a editora Nova Fronteira e, em seguida, assinou com a Rocco. Em 2000, foi lançado *Invenção e memória*, livro que lhe rendeu seu quinto Prêmio Jabuti. No mesmo ano, Lygia também recebeu o APCA e o Golfinho de Ouro, pelo conjunto de sua obra.

Em 2001, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Brasília; em 2002, publicou o livro *Durante aquele estranho chá*.

Em 29 de setembro de 2003, a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo lançou, na Sala São Paulo, o Prêmio Lygia Fagundes Telles, criado para homenagear os 80 anos da autora.

Na Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro de 2005, ocorreu o lançamento da antologia *Meus contos esquecidos*. Esse ano também foi marcado pelas conquistas do Prêmio Camões, o mais importante de língua portuguesa, e do Prêmio Fundação Bunge. Em 2007, ocorreu o lançamento do livro *Conspiração de nuvens*, na Bienal Internacional do Livro do Rio. Depois de 11 anos, Lygia troca novamente de editora, assinando contrato com a Companhia das Letras, que reedita todos os seus livros.

Em 2011, pela Companhia das Letras, houve os lançamentos de *Histórias de mistério*, sua primeira obra para o público infantojuvenil, bem como de *Passaporte para a China*, relato de uma viagem que a autora fez para a China. Em 2012, foram lançados *O Segredo*, outro livro infantojuvenil, e a coleção de contos *Um coração ardente*.

A autora e seu período

Como sua estreia literária ocorreu oficialmente em 1944 (desconsiderando aqui o livro publicado na adolescência com o financiamento de seu pai), Lygia ficou associada cronologicamente à Geração Modernista de 1945, da qual, na divisão literária escolar tradicional, fizeram parte também Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto e Clarice Lispector.

Marcando presença nas rodas literárias e ligada aos acontecimentos políticos, Lygia foi uma mulher de vanguarda, representando o perfil feminino das décadas de 1950 e 1960. Colocando-se no cenário como escritora, ela rompeu com os padrões comportamentais esperados de uma mulher de seu tempo. Com Clarice Lispector, de quem foi amiga e com quem sua obra estabeleceu um interessante diálogo, explorou, de maneira inédita até aquele momento, o universo feminino adotando uma visão moderna, buscando quebrar o paradigma do moralismo social que deixava a mulher sempre à margem da figura masculina. Tal qual Clarice, trabalhou o perfil de seus personagens femininos utilizando-se de técnicas do fluxo de consciência e do monólogo interior, atribuindo a eles o protagonismo em suas histórias, colocando os personagens masculinos, por sua vez, como representações de lugares de poder; no entanto, de maneira mais periférica.

A temática feminina não é, contudo, a única abordada em sua obra. Lygia explorou também temas como a vida nas grandes cidades, os problemas sociais, o medo, o amor, a existência, as relações sociais de poder, além de assuntos polêmicos, como drogas e adultério. Essa pluralidade de temas e a forma como tratá-los ligam-se intimamente ao período em que Lygia Fagundes Telles escreve. Ela faz parte da época da literatura brasileira que foi marcada, em um primeiro momento, pelo fim da Segunda Guerra Mundial e, em um segundo, por uma série de mudanças políticas no país, como a redemocratização. Esse contexto proporcionou a produção de um tipo específico de literatura.

No cenário de pós-guerra, as questões sobre a reconstrução da ideia de humanidade e a influência das correntes de pensamento do período, como o existencialismo, são amplamente exploradas pela autora. Ademais, vale ressaltar que a geração que ficou marcada como Geração de 45 demonstrava grande vontade de trabalhar temas mais universais – em consonância com essa perspectiva – e possuía mais liberdade para a realização desse tipo de trabalho, com um espaço de escrita mais consolidado pelos anos iniciais do Modernismo e mais livre, portanto, para experimentações, sem a necessidade de fazer de sua escrita um manifesto pela exploração da forma e do conteúdo. Isso ocorreu de modo que essa geração se notabilizou por autores que possuem experimentações de linguagem bem distintas entre si: basta observar a diferença de escrita e exploração de temáticas entre Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Dalton Trevisan e João Cabral de Melo Neto, por exemplo. Cabe ressaltar, novamente, as participações de Lygia nas manifestações que envolviam o Estado Novo.

O segundo momento é marcado tanto pelo período de ditadura militar quanto pela luta por redemocratização. Por ser uma autora que passou por vários momentos da história brasileira, ela pôde presenciar situações distintas e marcantes. Em 1973, Lygia evocou o período vivenciado ao publicar *As meninas*, romance psicológico que conta a história de três jovens, de origens, personalidades e trajetórias diferentes – uma delas, inclusive, envolvida com a luta armada –, evidenciando os sonhos e os conflitos da geração jovem que vivia no auge da ditadura militar.

Dentro desse período tão extenso de tempo, Lygia acaba por abordar as questões mais presentes na vida dos indivíduos e na relação deles com o mundo, resultando em uma abordagem recorrente de dramas de uma classe média e urbana. Esse grupo, que precisa manter suas aparências diante da sociedade, enfrenta questões existenciais essencialmente humanas – o que é geralmente escondido por trás de máscaras sociais.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

Obras da autora

Romances

- *Ciranda de pedra* (1954)
- *Verão no aquário* (1964)
- *As meninas* (1973)
- *As horas nuas* (1989)

Livros de contos

- *Porão e sobrado* (1938)
- *Praia viva* (1944)
- *O cacto vermelho* (1949)
- *Histórias do desencontro* (1958)
- *Histórias escolhidas* (1964)
- *O jardim selvagem* (1965)
- *Antes do baile verde* (1970)
- *Seminário dos ratos* (1977)
- *Filhos Pródigos* (1978) – reeditado como *A estrutura da bolha de sabão* (1991)
- *A disciplina do amor* (1980)
- *Mistérios* (1981)
- *Venha ver o pôr do sol e outros contos* (1987)
- *A noite escura e mais eu* (1995)
- *Oito contos de amor* (1996)
- *Invenção e memória* (2000)
- *Durante aquele estranho chá: perdidos e achados* (2002)
- *Conspiração de nuvens* (2007)
- *Passaporte para a China: crônicas de viagem* (2011)
- *O segredo e outras histórias de descoberta* (2012)
- *Um coração ardente* (2012)

Antologias

- *Seleção* (1971) – organização, estudos e notas de Nelly Novaes Coelho
- *Lygia Fagundes Telles* (1980) – organização de Leonardo Monteiro
- *Os melhores contos de Lygia F. Telles* (1984) – seleção de Eduardo Portella
- *Venha ver o pôr do sol* (1988) – seleção dos editores – Ática
- *A confissão de Leontina e fragmentos* (1996) – seleção de Maura Sardinha
- *Oito contos de amor* (1997) – seleção de Pedro Paulo de Sena Madureira

- *Pomba enamorada* (1999) – seleção de Léa Masina

Participações em coletâneas

- *Gaby* (1964) – novela – in *Os sete pecados capitais* – Civilização Brasileira
- *Trilogia da confissão* (1968) – *Verde lagarto amarelo*, *Apenas um saxofone* e *Helga* – in *Os 18 melhores contos do Brasil* – Bloch Editores
- *Missa do galo* (1977) – in *Missa do galo: variações sobre o mesmo tema* – Summus
- *O muro* (1978) – in *Lições de casa – exercícios de imaginação* – Cultura
- *As formigas* (1978) – in *O conto da mulher brasileira* – Vertente
- *Pomba enamorada* (1979) – in *O papel do amor* – Cultura
- *Negra jogada amarela* (1979) – conto infanto-juvenil – in *Criança brinca, não brinca?* – Cultura
- *As cerejas* (1993) – in *As cerejas* – Atual
- *A caçada* (1994) in *Contos brasileiros contemporâneos* – Moderna
- *A estrutura da bolha de sabão e As cerejas, s.d.* – in *O conto brasileiro contemporâneo* – Cultrix

Crônicas publicadas na imprensa

- “Não vou ceder. Até quando?” – *O Estado de S. Paulo* – 6 de janeiro de 1992
- “Pindura com um anjo” – *Jornal da Tarde* – 11 de agosto de 1996

Adaptações

Para o cinema

- *Capitu* (roteiro); parceria com Paulo Emílio Sales Gomes (1968) – Siciliano
- *As meninas* (adaptação) (1995)

Para o teatro

- *As meninas* (1988 e 1998)

Para a televisão

- *O jardim selvagem* (1978) – *Caso especial* – TV Globo
- *Ciranda de pedra* (1981 e 2008) – *Novela* – TV Globo
- *Era uma vez Valdete* (1993) – *Retratos de mulher* – TV Globo

Aspectos gerais da produção literária da autora

Com um estilo original, Lygia mescla seu senso de realidade apurado, devido, especialmente, ao seu engajamento político, a uma predileção pelo fantástico. O fantástico, particularmente, veremos mais adiante na análise do conto “Seminário dos ratos”, mas vale ressaltar que, ao passo que seus romances ganharam ares de literatura realista, nos contos, Lygia vai além do real, com uma evidente influência do escritor norte-americano Edgar Allan Poe. A autora promoveu a fusão do fantástico com a realidade do espaço urbano, incorporando em seus contos muitos elementos modernos, o que também ocorre em “A caçada”, “Venha ver o pôr do sol” e “As formigas”. É claro que, para além da influência de Poe, podemos ressaltar que o uso do fantástico fará parte da literatura de autores contemporâneos a ela, como Murilo Rubião e José J. Veiga, que se utilizaram desse recurso para tratar de temas sociais e existenciais.

Vale relembrar o já citado trabalho com os personagens femininos, muito apurado em virtude da posição que Lygia assume perante a questão; essa posição envolve sua própria trajetória como uma mulher diferente do padrão da época. Por meio de uma grande incursão psicológica no universo feminino, ela confere profundidade às mulheres, o que as eleva a outro nível de representação, destaque que se reforça ainda mais quando, em contrapartida, retrata seus personagens masculinos de forma mais rasa. Grande parte desses personagens acaba sendo representada como figuras irônicas da sociedade.

A ironia permeia de maneira bastante expressiva sua obra. Essa ironia, no geral, é afetiva, com o propósito de desnudamento em busca da verdade, uma intenção de aproximação, compartilhamento, quase reconciliação de um narrador que mexe na ferida, mas quer se aproximar de seu leitor. Em *Seminário dos ratos*, por exemplo, veremos que a luz acesa no fim é uma ironia que provoca, mas que não revela somente a desesperança.

Sua escrita possui certa concisão, com uma linguagem clara e, em dada medida, coloquial, com a evidente pretensão de levar temas tão universais e necessários a despertarem o leitor para uma reflexão.



Em entrevista ao *Estadão*, às vésperas de completar 90 anos, Lygia fala sobre o ato de escrever:

Para escrever, você precisa se dedicar de corpo e alma a seu personagem, a seu enredo e à sua ideia. É preciso que seja um ato de amor, uma doação absoluta, e é impossível sair do transe enquanto não dá a história por acabada, enquanto não decifra o humano. O detalhe é que o ser humano é indefinível. Por mais que tente, você não consegue defini-lo totalmente. O ser humano é inalcançável, inacessível e incontrolável, ele está sujeito a esses três “Is”.

TELLES, Lygia Fagundes. “Lygia Fagundes Telles, testemunha literária”. *O Estado de S. Paulo*, 13 abr. 2013. Entrevista concedida a Ubiratan Brasil.

Embora declare a dificuldade, Lygia buscou incessantemente essa definição e lançou uma boa discussão sobre o ser humano, um bom ponto de partida para pensarmos nossas mazelas, nossas relações, nossos anseios, nossos traumas e nossas emoções.

Aspectos gerais da obra analisada

O conto “Seminário dos ratos” encontra-se no livro homônimo. Este é composto de 14 contos e é considerado, pela crítica, uma das obras mais importantes de Lygia Fagundes Telles, na qual há um aprofundamento da veia intimista da autora.

Ratos. Um seminário dos ratos. O título causa certa estranheza, para declarar o mínimo. “Seminário” nos remete a algo sério, uma discussão aprofundada de uma questão, de um problema. Uma reunião para reflexão que, muitas vezes, busca uma solução ou, no mínimo, uma elucidação sobre alguma problemática. Quem são esses ratos que se encontram unidos é o primeiro questionamento que surge. Sobre o que discutem? É metafórico o termo “ratos”? É metafórico o termo “seminário”?

Antes de mais nada, temos que saber que o uso da imagem dos ratos não é adotado somente por Lygia. A própria epígrafe do conto faz alusão a outros ratos já usados pelo poeta Carlos Drummond de Andrade. Além disso, Ettore Finazzi-Agrò mostra bem essa inquietação no uso da figura dos ratos:

Eu já assisti, pasmado, ao andar furtivo desses ratos, passeando pelo chão empoeirado do inconsciente. Eu já os

olhei subir pelas paredes dos edifícios literários, com seu passo cauteloso ou apressado. Eu os vi através dos olhos alucinados de Naziazeno Barbosa na sua noite acordada e apavorada descrita por Dyonelio Machado; eu os vi circular pelos pesadelos do “Homem dos ratos” relatados por Sigmund Freud. E eles vão voltar no sobrado onde mora – sem demorar, na verdade – o escritor andarrilho de A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro de Rubem Fonseca. Por que tantos ratos, meu Deus, invadem e corroem o imaginário das pessoas? E por que Drummond, na conclusão do seu famoso poema “Edifício esplendor”, posto em epígrafe ao Seminário dos ratos, volta a evocar os mesmos bichos nojentos? E por que a própria Lygia Fagundes Telles dedica a eles esse conto fulgurante?

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. “Amor, humor e terror na ficção de Lygia Fagundes Telles”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 56, 25 fev. 2019. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182019000100300>. Acesso em: 9 set. 2019.

Tratar da epígrafe parece essencial para que possamos adentrar esse conto. Drummond, em seu poema, parte de uma situação, em tese banal, para a construção lírica: a demolição de um prédio no Rio de Janeiro. A partir desse fato, evoca-se uma reflexão sobre a perda, tudo vai se desmanchando e não resta mais que memória. O fim é inquietante e surpreendente:

— Que século, Meu Deus! — exclamaram os ratos e começaram a roer o edifício.

TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos ratos: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Finazzi-Agrò indica a profundidade que esses bichos trazem para o olhar sobre os acontecimentos:

Agentes da destruição, esses animais hediondos são também portadores de um olhar desaprovador sobre o destino de um mundo que faz da mudança, do progresso, da ânsia pelo novo o programa (supostamente político) de um duvidoso bem-estar a ser alcançado. A crítica (supostamente ética) ao progresso compulsivo, levando para um futuro incerto – ou igual ao presente –, manifesta-se nas palavras desoladoras daqueles que estão se preparando a assolar aquilo que resta do passado.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. “Amor, humor e terror na ficção de Lygia Fagundes Telles”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 56, 25 fev. 2019. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182019000100300>. Acesso em: 9 set. 2019.

Lygia, ao usar os versos como epígrafe, repõe a função avassaladora desses bichos e toda a ironia presente nos versos finais de Drummond. Aqui, contudo, embora os ratos assolem e tomem o casarão, a imagem ganha contornos de esperança na possibilidade de mudança. O conto é publicado em 1977, ano em que o regime militar já começa a apresentar desgastes. A história do conto, aparentemente grotesca, nada mais é do que a reunião de membros do governo, em um casarão, vindos de vários lugares, e com a participação, altamente significativa, de alguns membros do governo dos Estados Unidos para lutar contra uma misteriosa e incontrolável invasão de ratos. Porém, no fim, a mansão é invadida e destruída por um bando de roedores, obrigando os políticos responsáveis pela repressão contra eles, ali reunidos, a fugir precipitadamente.

A tomada da mansão pelos bichos é ilustrada por uma grande luz: tudo fica iluminado com a fuga dos burocratas. A metáfora parece bem clara: a democracia, iluminada, é restabelecida graças à persistência dos ratos em ocupar o espaço. Assim, de forma irônica, há a inversão da epígrafe na mudança de paradigma do uso da imagem dos ratos: asombro e desesperança em Drummond, expulsão da repressão e restabelecimento da democracia em Lygia. A imagem grotesca se ressignifica.



O Chefe das Relações Públicas é o primeiro personagem a surgir no conto (sua função liga-se à mídia, à comunicação com o coletivo). Ele entra em uma sala na qual se encontra o Secretário do Bem-Estar Público e Privado, a quem aquele chama de “Excelência”. A conversa começa, de maneira um tanto longa, girando em torno da saúde do secretário: seu pé está doente. Continuando o diálogo, o secretário pede notícias sobre o coquetel que havia ocorrido ao longo da tarde. O Chefe das Relações Públicas diz ter sido bem-sucedido e continua a conversa informando as dependências nas quais estão instalados os convidados. Eles também conversam sobre os convidados e os problemas concernentes aos ratos. Vale ressaltar que tratar desses assuntos no diálogo faz com que sejam evidenciadas, alegoricamente, as estratégias do sistema governamental: as manipulações, o tratamento dado ao povo, as relações de poder etc.

Conforme escurece, o jovem Chefe lembra que o jantar será servido às oito horas, e, neste momento, ouve-se um barulho que antecipa a catástrofe. Ele, ao sair pelo corredor para ver o que está acontecendo, encontra alguns dos outros personagens, dentre eles o cozinheiro que, tomado pelo desespero, conta-lhe sobre o ataque dos ratos. Em seguida, é narrado que o jovem vê um chinelo sendo carregado pelo corredor, criando uma imagem dúbia: não se sabe ao certo se é o secretário quem é carregado ou se só sobrou o chinelo. Tomado de desespero em meio ao ataque, o jovem é o único que permanece no casarão, escondido dentro da geladeira, acuado, ouvindo o barulho da nuvem de ratos.



Ao analisar os personagens, é importante perceber que eles são nomeados a partir de suas ocupações e de seus cargos, sempre destacando a posição hierárquica (própria da estrutura militar) que ocupam, e não têm qualquer densidade psicológica, ou seja, a importância é dada aos papéis sociais que esses personagens desempenham.

Esses papéis sociais também se apresentam de forma contraditória e irônica: um secretário do bem-estar coletivo que possui uma doença: gota. Um de seus pés está inchado e descalço, e ele mesmo afirma que, no dia seguinte, calçará os sapatos para que ninguém perceba a enfermidade, criando outra contradição irônica: a falta de conexão ou a incongruência entre público e privado, fazendo alusão, novamente, ao seu cargo.

Muitas outras são as contradições que surgem ao longo do conto. O Chefe das Relações Públicas, ainda um aprendiz, questiona, por exemplo, a contratação do americano para resolver um problema interno, numa clara alusão à intervenção norte-americana no período da ditadura militar. O Secretário aponta, então, que a tática é sempre esconder os problemas e aproveitar o que é bom, mostrar o que é bom. Nesse sentido, chega-se ao limite de o Secretário pedir ao jovem que ele minta a todos, dizendo que o problema dos ratos já está controlado, em uma clara demonstração de manipulação de informações, o que acontece especialmente em governos não democráticos.

Além disso, a experiência com esse tipo de governo surge como um indício na fala do Chefe das Relações Públicas, na qual aparece bastante a palavra “Bueno”, como se verá mais adiante.

“[...] o castelhano eu domino perfeitamente, enfim, Vossa Excelência sabe, Santiago, Buenos Aires... [...]”

TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos ratos: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Isso nos leva a pensar que ele já tenha passado por países da América Latina com governos ditatoriais.

As dualidades continuam a permear todo o tecido narrativo na conversa entre os dois. Outro destaque é o comentário sobre a não existência do povo enquanto realidade, somente como abstração.

[...] — Entre consternado e tímido, o jovem apontou para o pé enfermo.

— É algo... grave?

— A gota.

— E dói, Excelência?

— Muito.

— Pode ser a gota d'água! Pode ser a gota d'água! — cantarolou ele, ampliando o sorriso que logo esmoreceu no silêncio taciturno que se seguiu à sua intervenção musical. Pigarreou. Ajustou o nó da gravata. — Bueno, é uma canção que o povo canta por aí.

— O povo, o povo — disse o Secretário do Bem-Estar Público, entrelaçando as mãos. A voz ficou um brando queixume. — Só se fala em povo e no entanto o povo não passa de uma abstração.

— Abstração, Excelência?

— Que se transforma em realidade quando os ratos começam a expulsar os favelados de suas casas. Ou a roer os pés das crianças da periferia, então, sim, o povo passa a existir nas manchetes da imprensa da esquerda. Da imprensa marrom. Enfim, pura demagogia. Aliada às bombas dos subversivos, não esquecer esses bastardos que parecem ratos — suspirou o Secretário, percorrendo languidamente os botões do colete. Desabotoou o último. — No Egito Antigo, resolveram esse problema aumentando o número de gatos. Não sei por que aqui não se exige mais da iniciativa privada, se cada família tivesse em casa um ou dois gatos esfaimados... [...]

TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos ratos: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

São os ratos que demonstram a existência do povo, suas necessidades. Dessa forma, a imagem dos ratos como aqueles que vão denunciar, corroer o sistema por dentro e derrubá-lo ganha ainda mais força; são eles que denunciam que o povo permanece vivo, que o povo existe em uma realidade concreta.

Foco narrativo

O foco narrativo do conto é em terceira pessoa, com um narrador heterodiegético, ou seja, que oferece à narrativa um olhar de eminente ironia, em especial no que concerne aos diálogos entre o Chefe das Relações Públicas e o Secretário do Bem-Estar Público e Privado, o que auxilia tanto na identificação do momento histórico nacional quanto da intenção dos políticos. No último trecho transcrito anteriormente, esse recurso pode ser notado. Os próprios personagens apresentam jogos de palavras irônicos e referências ao tempo em que vivem (basta observar a alusão à música de Chico Buarque, símbolo da música do povo no conto, pois fez composições de posicionamento contrário ao regime). Observemos também o trecho a seguir, no qual o narrador, de forma irônica, aproveitando-se de sua posição de fora da história, apresenta a imagem da estátua da Justiça vista pelo Chefe, que olhará a justiça, empoeirada, ou seja, sem uso, de forma suspeita:

[...] O Chefe das Relações Públicas teve um olhar de suspeita para a estatueta de bronze em cima da lareira, uma opulenta mulher de olhos vendados, empunhando a espada e a balança. Estendeu a mão até a balança. Passou o dedo num dos pratos empoeirados [...]

TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos ratos: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Observação:

Observe que há várias intertextualidades com poetas brasileiros: Carlos Drummond de Andrade, Chico Buarque e Vinícius de Moraes. Lygia e esses poetas contam com uma trajetória de luta contra o sistema, não somente em suas obras, mas em suas ações. Vale lembrar o “Manifesto dos intelectuais”, de 1977.

Estrutura narrativa

Quanto à organização da narrativa, podemos perceber uma divisão em duas partes: a primeira, construída essencialmente dos diálogos dos personagens citados, prepara

o acontecimento do ataque dos ratos e deixa evidente os interesses e as manipulações daqueles que detêm poder.

“[...] — Boa tática, meu jovem, é influenciar no começo e no fim todos os meios de comunicação do país. Esse é o objetivo [...].”

TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos ratos: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Já a segunda parte centra-se no ocorrido depois da invasão.

Outra questão bastante importante no conto é o jogo entre racional × irracional, humano × animalesco. As ações e as características dos ratos, em vários momentos, ganham contornos humanos.

[...] ficou de pé na pata traseira e me enfrentou feito um homem. Pela alma de minha mãe, doutor, me representou um homem vestido de rato [...]


TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos ratos: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Os homens, por sua vez, assustados e desesperados, parecem bichos acuados diante da ameaça dos roedores.

O fim do conto, a exemplo de seu desenvolvimento, é dúbio:

[...] No rigoroso inquérito que se processou para apurar os acontecimentos daquela noite, o Chefe das Relações Públicas jamais pôde precisar quanto tempo teria ficado dentro da geladeira, enrodilhado como um feto, a água gelada pingando na cabeça, as mãos endurecidas de câimbra, a boca aberta no mínimo vão da porta que de vez em quando algum focinho tentava forcejar. Lembrava-se, isso sim, de um súbito silêncio que se fez no casarão: nenhum som, nenhum movimento. Nada. Lembrava-se de ter aberto a porta da geladeira. Espiou. Um tênue raio de luar era a única presença na cozinha esvaziada. Foi andando pela casa completamente oca, nem móveis, nem cortinas, nem tapetes. Só as paredes. E a escuridão. Começou então um murmurejo secreto, rascante, que parecia vir da Sala de Debates e teve a intuição de que estavam todos reunidos ali, de portas fechadas. Não se lembrava sequer de como conseguiu chegar até o campo, não poderia jamais reconstituir a corrida, correu quilômetros. Quando olhou para trás, o casarão estava todo iluminado.

TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos ratos: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



O jovem é o único que resta, escondido dentro da geladeira. Seriam, então, os ratos aqueles a começar o seminário dos ratos? Se assim fosse, não mais se discutiria nem se deliberaria sobre eles ou sobre o problema que eles representavam, mas haveria uma reunião cujos participantes seriam os próprios ratos, que discutiriam e tomariam decisões. O povo, dessa forma, passaria a deliberar sobre o que lhe diz respeito?

Tomado pela crítica como um conto de grande maturidade de Lygia, é nele que o fantástico e o real se cruzam de maneira impecável. A mistura do familiar com o perturbador aparece como eixo central da força poética do conto, o que, inclusive, é o fio condutor do livro todo. O surreal, o estranhamento, o onírico, o imaginário e o absurdo são utilizados pela autora para expressar de maneira muito perspicaz o real ou, ao menos, o sonho de uma mudança real. O fantástico, em sua alegoria e deslocamento do familiar, cumpre seu uso, em um trabalho muito bem tecido ao longo da narrativa. Por fim, a possibilidade de fuga da censura, dessa forma, é exemplar, ainda que essa não seja a intenção primordial de Lygia.

QUESTÕES

1. Enem 2015 *Tudo era harmonioso, sólido, verdadeiro. No princípio. As mulheres, principalmente as mortas do álbum, eram maravilhosas. Os homens, mais maravilhosos ainda, ah, difícil encontrar família mais perfeita. A nossa família, dizia a bela voz de contralto da minha avó. Na nossa família, frisava, lançado em redor olhares complacentes, lamentando os que não faziam parte do nosso clã. [...]*

Quando Margarida resolveu contar os podres todos que sabia naquela noite negra da rebelião, fiquei furiosa. [...]

É mentira, é mentira!, gritei tapando os ouvidos. Mas Margarida seguia em frente: tio Maximiliano se casou com a inglesa de cachos só por causa do dinheiro, não passava de um pilantra, a loirinha feiosa era riquíssima. Tia Consuelo? Ora, tia Consuelo chorava porque sentia falta de homem, ela queria homem e não Deus, ou o convento ou o sanatório. O dote era tão bom que o convento abriu-lhe as portas com loucura e tudo. “E tem mais coisas ainda, minha queridinha”, anunciou Margarida fazendo um agrado no meu queixo. Reagi com violência: uma agregada, uma cria e, ainda por cima, mestiça. Como ousava desmoralizar meus heróis?

TELLES, L. F. A estrutura da bolha de sabão.
Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Representante da ficção contemporânea, a prosa de Lygia Fagundes Telles configura e desconstrói modelos sociais. No trecho, a percepção do núcleo familiar descortina um(a)

- A convivência frágil ligando pessoas financeiramente dependentes.
- B tensa hierarquia familiar equilibrada graças à presença da matriarca.
- C pacto de atitudes e valores mantidos à custa de ocultações e hipocrisias.
- D tradicional conflito de gerações protagonizado pela narradora e seus tios.
- E velada discriminação racial refletida na procura de casamentos com europeus.

2. UFSM 2014 De acordo com Ítalo Moriconi, *diante do consumismo e da internacionalização em que mergulha a classe média, a arte do conto busca trazer o outro lado [...]. O contista brasileiro dos anos 70 quer desafinar o coro dos contentes.* A partir de tais informações, considere o fragmento a seguir, retirado do conto “A estrutura da bolha de sabão” (1978), de Lygia Fagundes Telles, narrativa cujo ponto de partida é um triângulo amoroso:

Convidaram-me e sentei, os joelhos de ambos encostados nos meus, a mesa pequena enfeixando copos e hálitos. Me refugiei nos cubos de gelo amontoados no fundo do copo, ele podia estudar a estrutura do gelo, não era mais fácil? Mas ela queria fazer perguntas. Uma antiga amizade? Uma antiga amizade. Ah. Fomos colegas? Não, nos conhecemos numa praia, onde? Por aí, numa praia. Ah. Aos poucos o ciúme foi tomando forma e transbordando espesso como um licor azul-verde, do tom da pintura dos seus olhos. Escorreu pelas nossas roupas, empapou a toalha de mesa, pingou gota a gota.

A partir do fragmento, pode-se dizer que, no conto, a estratégia utilizada para desafinar o coro dos contentes é

- A a exposição crítica do abismo entre as classes sociais, já que a narradora questiona como o amigo, um físico que estudava a estrutura das bolhas, podia amar uma mulher como a rival.
- B o destaque dado à rivalidade entre as mulheres já que, de acordo com o pensamento da época, elas deveriam se unir para combater os abusos de uma sociedade machista e excludente.
- C a ênfase dada à irrelevância da pesquisa científica no âmbito social, já que o personagem masculino estuda a estrutura da bolha de sabão.
- D o destaque dado no conto à emergência de uma nova masculinidade, já que o personagem masculino mostra-se dócil e despreocupado.
- E a exploração dos conflitos e das fragilidades dos personagens, abordagem que, ao dar relevo à vulnerabilidade dos sujeitos, contraria o comodismo característico de parte da sociedade da época.

➤ Texto para responder às questões 3 a 6.

Que se chama solidão

Chão da infância. Algumas lembranças me parecem fixadas nesse chão movediço, as minhas pajens. Minha mãe fazendo seus cálculos na ponta do lápis ou mexendo o tacho de goiabada ou ao piano; tocando suas valsas. E tia Laura, a viúva eterna que foi morar na nossa casa e que repetia que meu pai era um homem instável. Eu não sabia o que queria dizer instável mas sabia que ele gostava de fumar charutos e gostava de jogar. A tia um dia explicou, esse tipo de homem não consegue parar muito tempo no mesmo lugar e por isso estava sempre sendo removido de uma cidade para outra como promotor. Ou delegado. Então minha mãe fazia os tais cálculos de futuro, dava aquele suspiro e ia tocar piano. E depois, arrumar as malas.

— Escutei que a gente vai se mudar outra vez, vai mesmo? Perguntou minha pajem Maricota. Estávamos no quintal chupando os gomos de cana que ela ia descascando. Não respondi e ela fez outra pergunta: Sua tia vive falando que agora é tarde porque a Inês é morta, quem é essa tal de Inês?

Sacudi a cabeça, não sabia. Você é burra, Maricota resmungou cuspinhando o bagaço. (...)

— Corta mais cana, pedi e ela levantou-se enfurecida: Pensa que sou sua escrava, pensa? A escravidão já acabou!, ficou resmungando enquanto começou a procurar em redor, estava sempre procurando alguma coisa e eu saía atrás procurando também, a diferença é que ela sabia o que estava procurando, uma manga madura? Jabuticaba? Eu já tinha perguntado ao meu pai o que era isso, escravidão. Mas ele soprou a fumaça para o céu (dessa vez fumava um cigarro de palha) e começou a recitar uma poesia que falava num navio cheio de negros presos em correntes e que ficavam chamando por Deus. Deus, eu repeti quando ele parou de recitar. Fiz que sim com a cabeça e fui saindo, Agora já sei.

(Lygia Fagundes Telles, *Invenção e Memória*.)

3. Unifesp O texto de Lygia Fagundes Telles apresenta marcas características do projeto literário da autora, ligado à ficção

- A do realismo fantástico.
- B documentária urbano-social.
- C regionalista.
- D metafísica.
- E intimista e psicológica.

4. Unifesp Na resposta enfurecida da pajem à narradora, repete-se a forma verbal *pensa*. Essa resposta permite entender que ela

- A não pretende mais cortar cana naquele momento.
- B se vê na obrigação de atender o pedido.
- C está, na verdade, fazendo uma brincadeira.
- D não compreendeu ao certo o que lhe foi pedido.
- E se dispõe a atender o pedido com prontidão.

5. Unifesp Entende-se que a relação da narradora com a pajem baseia-se

- A na tolerância entre elas, embora a narradora quase não consiga conter sua raiva com os descasos da pajem.
- B na tensão entre elas, embora a pajem deva respeito à narradora, pois tem uma relação profissional com a família.
- C na indiferença entre elas, pois tanto a narradora deixa de responder como a pajem deixa de atender-lhe o pedido.
- D na rivalidade entre elas, fato que se comprova pela agressividade da pajem, que sonhava estar no lugar da narradora.
- E na proximidade entre elas, pois a pajem, por exemplo, externa seus sentimentos de desagrado, quando se vê incomodada por algo.

6. Unifesp De acordo com o texto, entende-se que o chão da infância da narradora é marcado

- A pela incômoda viuvez da tia.
- B pela ausência do pai.
- C pelo convívio com família e pajens.
- D pelo medo da escravidão.
- E pela indiferença das pajens.

7. UFRGS Considere as afirmações abaixo.

- I. Antonio Callado, autor de vários romances e peças de teatro, escreveu *Quarup*, narrativa que mergulha nas profundezas da realidade brasileira pós-64.
- II. Dalton Trevisan é autor de contos que exploram, através de personagens comuns, situações extraordinárias vivenciadas em cidades gaúchas.
- III. Lygia Fagundes Telles é autora de narrativas, entre as quais *As meninas* e *Seminário dos ratos*, que representam ficcionalmente a vivência urbana de personagens que se confrontam com o esvaziamento do sentido existencial.

Quais estão corretas?

- A) Apenas I.
- B) Apenas II.
- C) Apenas III.
- D) Apenas I e III.
- E) I, II e III.

8. UFPR Tendo em vista o livro *Seminário dos ratos*, de Lygia Fagundes Telles, assinale a(s) afirmativa(s) correta(s).

- () Trata-se de contos apresentados à maneira de fábulas, cada texto dedicado a um animal, como formigas, pombas, tigres e ratos, todos com características fantásticas.
- () São contos autobiográficos, evidenciando-se os trabalhos da memória. Há indícios, nos diversos textos, de que a voz da autora ecoa por trás da voz da narradora.
- () Traço que caracteriza os contos é o desencanto, a frustração das ilusões, seja para o indivíduo, seja para a coletividade.
- () Vários contos são marcados por uma atmosfera de pesadelo, e neles não há a perspectiva do despertar libertador.
- () Em alguns contos o ponto de vista é em primeira pessoa, de uma perspectiva feminina; mas há uns poucos em que a voz narradora é masculina, e há ainda outros em terceira pessoa.

- () A temática da obra gira em torno das desilusões da vida, das misérias da condição humana, mas o amor é apontado como um resgate possível.

9. Leia o trecho a seguir.

Os contos fantásticos ou contos de fantasia representam um gênero da literatura fantástica (realismo mágico ou maravilhoso) com origem no século XVII.

Esse estilo vigorou nos países latino-americanos a partir do século XX, como forma de denunciar a realidade opressiva vivida pelos anos de ditadura.

DIANA, Daniela. "Conto fantástico". *Toda matéria*. Disponível em: <www.todamateria.com.br/conto-fantastico/>. Acesso em: 9 set. 2019.

- a) Considerando a afirmação sobre o conto fantástico, analise por que "Seminário dos ratos", de Lygia Fagundes Telles, pode ser classificado como conto fantástico.
- b) Escolha um evento do conto mencionado, de Lygia Fagundes Telles, que ilustre a afirmação, indicando e analisando como isso foi feito.

10. UFPR *Os ratos são nossos, as soluções têm que ser nossas. Por que botar todo mundo a par das nossas mazelas? Das nossas deficiências? Devíamos só mostrar o lado positivo não apenas da sociedade mas da nossa família. De nós mesmos – acrescentou apontando para o pé em cima da almofada.*

Considerando o trecho acima, extraído do conto "Seminário dos ratos", e a leitura do livro homônimo, de Lygia Fagundes Telles, identifique a alternativa verdadeira.

- A) Os contos de *Seminário dos ratos*, como toda a obra de Lygia Fagundes Telles, representam a tendência literária predominante no Brasil no período da ditadura militar, identificada como "literatura-verdade", ou "literatura-reportagem".
- B) O trecho citado exemplifica o conservadorismo da visão de mundo de Lygia Fagundes Telles, também presente no conto "Senhor diretor", em que uma professora denuncia a liberdade excessiva com que o cinema e a televisão passaram a representar a sexualidade.

- C** O trecho citado deve ser interpretado de forma irônica, pois é um rato quem condena a transparência no trato dos problemas sociais e familiares, ou seja, o conto opera uma inversão total de valores.
- D** Ao lado de Guimarães Rosa e de Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles é responsável pela continuidade de uma tradição literária marcada pelo engajamento dos escritores em projetos literários voltados à denúncia das mazelas e deficiências da sociedade brasileira.
- E** O conto citado, bem como a narrativa “A mão no ombro” – em que um homem sonha com sua própria morte –, exemplifica uma característica recorrente em *Seminário dos ratos*: a presença de elementos insólitos nos enredos, às vezes aproximando-se da literatura fantástica.

11. *O senhor, que é um candidato em potencial, desde cedo precisa ir aprendendo essas coisas, moço. Mostrar só o lado positivo, só o que pode nos enaltecer. Esconder os nossos chinelos.*

TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos ratos: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Sobre o trecho extraído de “Seminário dos ratos”, assinale a alternativa **incorreta**:

- A** Os chinelos fazem alusão a uma passagem anterior do livro.
- B** O trecho se trata de um ensinamento político que o secretário apresenta ao jovem.

- C** O trecho mostra os mecanismos positivos para garantir uma boa governabilidade.
- D** O conselho dado ao jovem, no conto, é essencial ao cargo que ele ocupa.

12.

Trecho 1

Nesse ambiente opaco, a leitura do mundo se faz não a partir de sinais nítidos, mas de indícios frágeis. Os personagens de Lygia vivem em um mundo de limites rasuráveis [...]

TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos ratos: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Trecho 2

Não se lembrava sequer de como conseguiu chegar até o campo, não poderia jamais reconstituir a corrida, correu quilômetros. Quando olhou para trás, o casarão estava todo iluminado.

TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos ratos: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

O primeiro trecho é um comentário feito por José Castello para o posfácio do livro *Seminário dos ratos*; e o segundo, o final do conto homônimo. Relacione e explique como o jovem, o Chefe das Relações Públicas, é um personagem que se encaixa na descrição feita por José Castello, considerando seu papel no conto e a situação final em que ele se encontra no trecho transcrito.

GABARITO

1. C

Fica evidente que o núcleo familiar se afirma, hipocritamente, em um pacto de atitudes e valores mantidos à custa de ocultações e falsidades. A narradora, no trecho, exprime a sua revolta quando Margarida descortina a versão idealizada da família que a avó pretendia passar aos outros e, no lugar de virtudes e de comportamento digno, revela a podridão oculta da família.

2. E

Para desafinar o “coro dos contentes” (setor de classe média, que se beneficiava da política desenvolvimentista dos anos 1970, mas que não conseguia esconder os seus conflitos e as suas contradições), o ciúme aparece como elemento mobilizador da perturbação, uma fragilidade que ascende e incomoda.

3. E

Lygia é apontada, por alguns, como próxima de Clarice Lispector no que concerne ao trabalho poético com o eu feminino. Para fazer isso, sua escrita, ao tratar em especial dos personagens femininos, oferece-lhes um aspecto intimista e psicológico. Embora o realismo fantástico surja em parte de sua produção, a alternativa e se encaixa melhor no conjunto da obra e no trecho selecionado para a questão.

4. A

O gesto de recusa, citado na alternativa a, pode ser subentendido nesta passagem do texto: “Pensa que eu sou sua escrava, pensa? A escravidão já acabou!”, seguida da mudança de atividade – em vez de cortar roletes de cana, passa a procurar talvez uma manga madura, talvez jabuticaba, com a tácita aprovação da memorialista, ou da criança que sua memória recria.

5. E

É a única alternativa aceitável, já que a intromissão da pajem nas questões familiares (“— Escutei que a gente vai se mudar outra vez, vai mesmo?”) e o esboço de protesto (“... levantou-se enfurecida: Pensa que eu sou sua escrava, pensa? A escravidão já acabou!”) se remetem à proximidade, à liberdade concedida à pajem para fazer tal questionamento, uma vez que a narradora aceita isso, com certa inocência proveniente de nem sequer saber o que é o termo “escravidão”.

6. C

A alternativa c aparece como correta logo no começo do texto, na associação das lembranças às “minhas pajens”, “Minha mãe”, “tia Laura”, “meu pai”.

7. D

Afirmativa I: correta. Trata-se de um comentário da obra mais famosa de Antonio Callado (1917-1997) – *Quarup* (1967) –, a qual tem como intenção delinear um resumo da sociedade brasileira desde o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, até a ditadura implantada pelo regime militar, em 1964, e sua consequente repressão. O romance reconstrói a atmosfera política, que incide no desenrolar da narrativa.

Afirmativa II: incorreta. O autor trata do cenário curitibano, e não gaúcho.

Afirmativa III: correta. Propõe-se uma leitura coerente da obra de Lygia Fagundes Telles, autora que se centra na construção de uma literatura urbana de rara beleza pela convicção com que exalta a capacidade de superação do ser humano apesar dos obstáculos e das dificuldades criados pela sobrevivência. As temáticas da solidão, do amor e do desamor, do medo, da loucura e da morte fazem parte dessa rara beleza.

8. F – F – V – V – V – F

Primeira afirmativa: falsa. Nem todos os textos são dedicados a animais e/ou têm uma moral. Portanto, não são fábulas.

Segunda afirmativa: falsa. Os contos não são autobiográficos.

Terceira afirmativa: verdadeira. O desencanto e a frustração das ilusões, seja para o indivíduo, seja para a coletividade, permeiam os contos que fazem parte do livro.

Quarta afirmativa: verdadeira. Em vários contos, há uma atmosfera de pesadelo e uma falta de perspectiva de despertar, e em “Seminário dos ratos” também, com seu final impreciso e o desespero do jovem.

Quinta afirmativa: verdadeira. O foco narrativo varia ao longo da coletânea.

Sexta afirmativa: falsa. O amor não aparece como condição de salvação ou resgate, como pode ser observado em “Seminário dos ratos”.

- 9. a)** O fantástico alia real e imaginário, criando alegorias e personagens que ganham contorno fantasioso. Em “Seminário dos ratos” é exatamente isso o que acontece: ao caracterizar os roedores, que tomam conta do casarão de maneira bastante irreal, surreal, quase onírica, ganhando traços humanos, mostra-se uma grande alegoria da queda do poder militar, realidade brasileira vivida na época da publicação do livro.
- b)** Muitos são os eventos que podem ser escolhidos, tais como a cena do secretário sem calçar um dos chinelos, a do pedido para que o jovem minta sobre a resolução do problema dos ratos etc. O importante é que se escolha um evento e se mostre como essa cena, de maneira alegórica, representa a realidade opressiva do contexto da ditadura.

10. E

O insólito e o fantástico permeiam vários contos do livro, bem como a produção de Lygia no geral. As demais alternativas estão incorretas porque a autora tem sua estreia literária em 1944, sendo vinculada à Geração de 45, e as denúncias dos problemas sociais estão associadas, principalmente, à segunda geração do Modernismo. Além disso, ela não se vincula ao romance-reportagem, modalidade praticada posteriormente por Fernando Gabeira e José Louzeiro, por exemplo, e não há qualquer conservadorismo na visão de Lygia. Para finalizar, o trecho citado na questão não é a declaração de um rato, mas do Secretário do Bem-Estar Público e Privado.

11.C

Alternativa C: incorreta. Trata-se de um conto que denuncia os mecanismos perversos que os governos, em especial os autoritários, usam para manipular informações e manter a população alienada em relação ao que ocorre. A denúncia dessa manipulação está presente também em outros momentos.

Alternativa A: correta. Os chinelos aparecem no momento em que o secretário está descalço em um dos pés por conta da gota, dizendo inclusive que, no dia seguinte, durante o evento, estará usando os sapatos para não mostrar sua fragilidade diante dos outros membros do seminário.

Alternativa B: correta. De fato, o secretário está ensinando ao jovem como governar de maneira “efetiva”, que, segundo aquele, consiste em manipular e esconder os defeitos e erros do governo para manter o poder.

Alternativa D: correta. O jovem é o Chefe das Relações Públicas, ou seja, trata com a mídia, sendo o responsável pela criação da imagem do governo.

12. Os limites rasuráveis podem ser vistos de maneira polissêmica, uma vez que podem aludir tanto aos limites do real e do imaginário quanto aos próprios limites do moral e do imoral nas condutas sociais e pessoais, do certo e do errado, da manipulação e da não manipulação, por exemplo. O jovem termina o conto sendo o único personagem que conseguiu fugir do ataque dos roedores, sem nem saber como o fez. Ali, a fragilidade de limites entre o real e o imaginário fica bem evidente; ele não consegue dizer o que ocorreu, o que era real no que viu e o que não era. Os limites entre o ético e o não ético, somente para dar um exemplo, também permeiam a história das ações, os pensamentos e as falas do personagem, que não parece saber bem se o que está fazendo é o que deve ser feito. A ele, que cuida da comunicação, da imagem do governo, é pedido que minta, distorça, esconda, e o jovem parece sempre estranhar um tanto essa conduta, ou, no mínimo, não tê-la ainda incorporado.



A ruled page for notes, featuring a vertical red sidebar on the left containing the page number '26' and the title 'ANOTAÇÕES' (Notes) with two small triangles. The main body of the page is white and filled with horizontal ruling lines for writing.

AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

sistemapoliedro.com.br

São José dos Campos-SP
Telefone: 12 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br

